



*Dispositivo de Arte:  
meu corpo contrassexual e artístico*

*Bruno Novadvorski*



***Dispositivo de Arte:  
meu corpo contrassexual e artístico***

*Bruno Novadvorski*



2021 © Bruno Novadvorski

Dispositivo de Arte:  
meu corpo contrassexual e artístico

**Capa, Projeto Gráfico e Diagramação**  
The Red Studio

**Fotografias:**  
**capa e abertura de capítulos**  
Chris, The Red

**Revisão**  
Caïque Martins Pena

**Conselho Editorial [Ars Sexualis]**  
Prof. Dr. Alexandre Sá Barretto da Paixão  
Universidade Estadual do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Belidson Dias Bezerra Junior  
Universidade de Brasília

Profa. Dra. Daniela Pinheiro Machado Kern  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof. Dr. Leandro Colling  
Universidade Federal da Bahia

Profa. Dra. Martha Narvaz  
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul

Prof. Dr. Rodrigo Pedro Casteleira  
Universidade Federal de Rondônia

Profa. Dra. Vi Grunvald  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Dr. Wagner Ferraz  
editor Estudos do Corpo

## *Um ponto em que muito se dispõe*

Pa Z de Oxumaré,  
vulgo Paola Zordan

Furo, buraco, efetivo ponto que se dobra e do qual irradiam sulcos e pregas. O “ânus solar” é aquilo que Deleuze e Guattari, em *O anti-Édipo*, lançam mão para desconstruir palavras de ordem e combater as doenças do capitalismo. Em sua *Introdução à esquizoanálise*, afirmam que “a sexualidade está em todo lado” e que não há relação econômica e social sem forças libidinais. Justo o cu é o que vem protestar contra “a imagem ardilosa em que o desejo se deixa apanhar”, explica a dupla no texto *Selvagens, Bárbaros, Civilizados*. No presente trabalho, o cu opera como tópico cambiante, funcionando como disparo a fim de que o pensamento percorra um campo problemático, híbrido e plural, das artes visuais, do corpo aculturado e das experimentações performáticas.

Entre os livros e a própria pele, Bruno, filho de Oxalá, margeia as definições que atravessam seu trabalho para afirmar um corpo que se quer contrassexual e disruptivo. Trata-se de um corpo de práticas poéticas que se assume “linha de fuga” da heterocisnormatividade. O cu, esse vórtice esquizo do corpo, é tanto o tema pesquisado como a práxis conceitual de um manifesto estético e político. Sendo uma pesquisa que se desenvolveu em caráter de iniciação acadêmica, apresenta estudo de precursores, questões em torno do que se instituiu *queer* e, ainda, diálogos com outras produções visuais. Discorre em torno das heterotopias da produção artística contemporânea, das sobrecodificações do nu e dos discursos dominantes em torno do corpo e do sexo. Junto aos estudos de Michel Foucault, pensa mecanismos relacionais frente a usos e abusos do poder, demarcando um modo de se

ver e viver o corpo, suas excreções, prazeres, seus riscos, seus revestimentos, seu manto, seu bori. O pronome possessivo que intitula o conjunto textual indica a forte presença do corpo do artista e de suas angústias. As designações “zona de prazer” e “a origem da arte”, citam e recitam o cu e as intensificações de seu “olho” perante cânones do sexo na arte, tais como *A Origem do mundo*, no sentido de ressaltar desvios e disjunções. Ao trazer o corpo e o cu e como dispositivo artístico contrassexual, Bruno cria proposições que podem se desdobrar tanto em pautas culturalistas, promovendo discussões identitárias e suas semióticas próprias, quanto na demonstração assignificante de um processo impossível de ser plenamente capturado.

Múltiplas possibilidades mostram que as relações entre corpo e objetos se dão via perspectivas que escapam à dialética, mesmo quando colocam em jogo os embates entre coerção e liberdade. Enquanto produção de imagens performáticas, este dispositivo específico insurge como resistência a assujeitamentos e censuras.

Sem dimensões precisas, podemos imaginar o conceito de dispositivo, desde Foucault, como conjunto de conectores e zonas de interesse e evasão, o qual faz avançar a noção de estrutura para uma consistência cujas variações nem sempre podem ser sistematizadas. O dispositivo tenciona dimensões técnicas e simbólicas, as quais, numa espécie de reviravolta normativa, respondem a contextos contemporâneos na medida que um dispositivo inscreve e/ou transcreve subjetivações em suportes técnicos. Trata-se de um modelo disposto sem ideias e ideais, anti-platônico, que permite o traçado de projetos com normas provisórias e regulações abertas, as quais nunca estabelecem identidades fixas, ainda que balizem práticas e discursos passíveis de nomeação.

Nas performances de Bruno, o que se diz dispositivo artístico e contrassexual ultrapassa binarismos em prol de uma lógica outra, a qual imiscui experiências e resistência à dominação coercitiva, via processos poéticos. Algumas retomadas

históricas, feitas junto a estudos foucaultianos em torno do dispositivo da sexualidade, trazem a razão instrumental do conceito a fim de que se extrapole as sanções discursivas que ali se dispõem. A criação performática libera as linhas de enunciação e permite o fluxo de outras forças, indizíveis. Deste modo, o dispositivo também se faz *display* para interações não apenas com as imagens artísticas, mas principalmente para a militância que o trabalho provoca. Ao mesmo tempo, em seus movimentos, permite oferecer o cu enquanto *device* para revezamentos em torno órgãos e do organismo, em prol de um corpo que nem sempre se ordena, se organiza e muito menos se “ordenha”. Aqui, tudo se encaminha para que o sexo não genital, clamado por Foucault, se aproxime do que Deleuze, em tese, constitui como “pensamento genital”, o qual opera na gênese de um pensar sem imagens, sem dogmas, sem pré-conceitos advindos do senso-comum e seus aculturamentos.

Por outro lado, explicando significações, palavras, letras, cores, objetos, acontecimentos, Bruno se aproxima de premissas anti-edípicas, cuja axiomática mostram o quanto “o desejo passa por todas as peças”. Sair dos julgamentos e do juízo moral e suas sanções estéticas, é mais do que um apelo a ruptura de tabus, pois a poética se afirma como protesto contra a colonização dos sexos e estereotipia dos corpos. Sendo um processo que atesta a multiplicidade de linhas e devires de um dispositivo, o qual expande visibilidades enunciativas em torno de uma sexualidade outra, o trabalho se inventa e reinventa junto a códigos já dispostos pela arte, pela cultura e pelas epistemologias do corpo. Trata-se de uma arte imanente ao corpo, um corpo que experimenta, absorve, excreta e vive, cujos efeitos diferem em si mesmos e se repetem, prometendo *n* desdobramentos em novas performances e criações.